

207
HISTÓRIA
DA LINDA INEZ DE CASTRO
QUE DEPOIS DE MORTA
FOI RAÍNHA



COLECÇÃO PÁTRIA—LIVRO NÚMERO DEZ

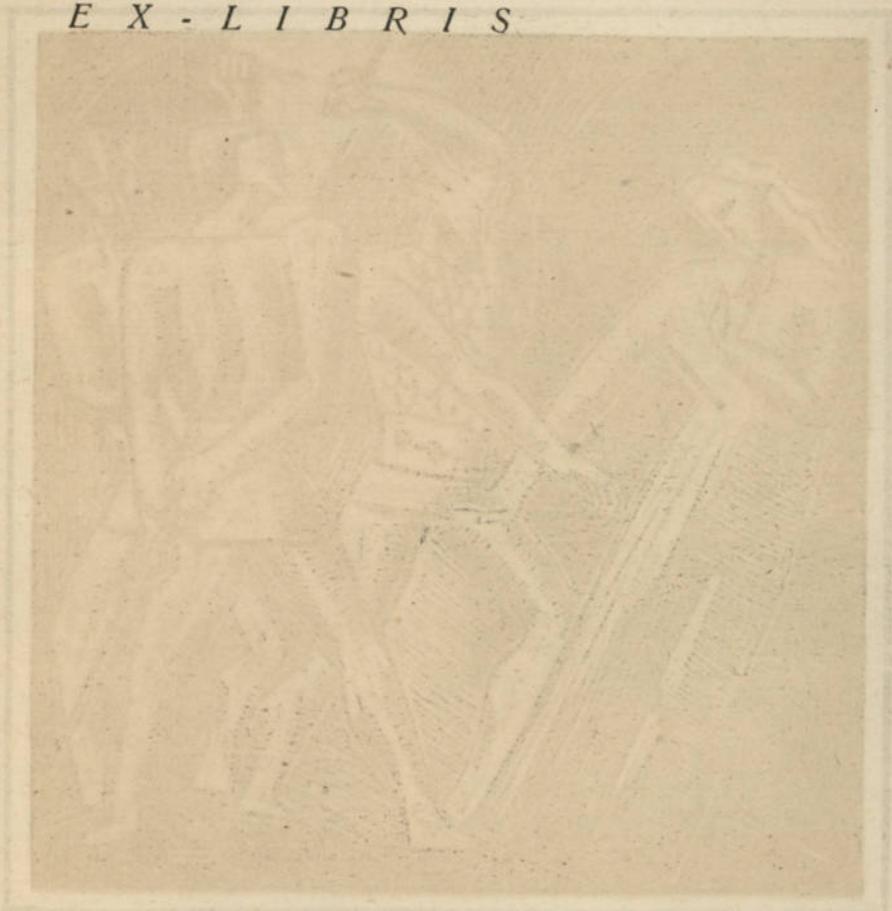
BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

0030 U.

COA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1939



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS "MINERVA", DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1939

LIVRO DEZ

HISTÓRIA DA LINDA INEZ DE CASTRO
QUE DEPOIS DE MORTA FOI RAÍNHA

Quando o bom rei D. Deniz se finou, subiu ao trono de Pórtugal, seu filho e da rainha Santa Isabel, chamado D. Afonso IV o *Bravo*.

Fôra êste príncipe durante a vida do pai muito desvairado de génio, ciumento, desconfiado e rebelde; e dera muitos cuidados e trabalhos a seus pais, como já se disse. Mas depois de ser coroado rei, sossegou e tornou-se ajuizado, governando bem o seu reino com justiça e sabedoria. Quanto à sua valentia deu boas provas dela, não só em várias guerras pequenas que teve com espanhóis, mas na grande batalha do Salado contra os moiros. Foi assim:

A infanta Dona Maria, filha dêste nosso rei D. Afonso, casara com el-rei de Castela, que não a tratava bem por causa de uma espanhola chamada Leonor de Gusmão que o enfeitiçara. E isto dera sempre grandes desgostos a el-rei D. Afonso que muito estimava a filha e se amofinava de a ver tão santa e tão cheia de paciência e de caridade e sempre posta de parte pelo marido que não pensava senão em Dona Leonor de Gusmão. Mas os moiros de Marrocos, muito cheios de soberba e com um grande e poderosíssimo exército, atravessaram um belo dia o estreito de Gibraltar e juntaram-se aos moiros do reino de Granada (que então ainda pertencia aos infiéis) para combaterem contra el-rei de Castela. Na aflição em que se viu, a rainha Dona Maria que não guardava rancor ao marido, meteu-se a caminho de Portugal a-fim-de pedir a seu pai que lhe acudisse; pois os moiros eram tantos e a sua fôrça tamanha que el-rei de Castela, só com a gente que tinha, não lhes podia fazer frente.

Com grande acompanhamento chegou esta rainha à cidade de Évora, onde então estava el-rei D. Afonso, seu pai; e ajoelhando defronte dele e com muitas lágrimas, lhe disse:

— Meu pai e senhor, venho aqui de longe e em trabalhosa jornada pedir a Vossa Alteza que socorra o meu marido na aflição em que se vê. Já el-rei de Aragão se pôs a caminho com sua gente para lhe acudir; mas os moiros, inimigos da Cruz e da nossa santa fé, são muitos e os seus exércitos bem armados cobrem a terra. Aragão e Castela não bastam para os tolher. Mas se Vossa Alteza quizer dar a meu marido a sua ajuda, em pessoa, e com seus exércitos, frotas e tesouros, el-rei de Castela não receará o poder dos moiros.

D. Afonso considerou naquela hora quanto el-rei de Castela atormentara e ofendera a rainha, sua mulher, que, esquecendo tudo como verdadeira e santa espôsa cristã, vinha assim com tanto trabalho pedir por quem tão pouco lho merecia. Curvou-se para ela e com muito acatamento a fêz erguer do chão onde se conservava de joelhos; e, pedindo-lhe que se sentasse a seu lado, disse baixinho:

— Bem se vê que tens nas veias o sangue de tua avó a Rainha Santa!

E em voz alta falou-lhe assim:

— Filha e senhora, grande e importante é a razão da vossa jornada; mas ainda que o fôsse muito mais e que os perigos se apresentassem dez vezes maiores, sabeí que bastaria serdes vós a mensageira de tal recado, para eu logo vos fazer a vontade. Ide pois sossegada e dizei a el-rei de Castela vosso

18681
(5)



R. 18681
(5) v.



marido que, por sua honra e vossa, e por serviço de Deus, irei a terras de Espanha combater a seu lado contra os infiéis, inimigos nossos e da nossa Fé. E dissei-lhe mais que neste reino não ficará homem, arma, moeda de dinheiro, que possam ser aproveitados em tão santa guerra.

E logo deu suas ordens e mandou cartas a todos os fidalgos do reino para que juntassem sua gente; e em breve el-rei se pôs a caminho de Sevilha à testa de um dos melhores e maiores e mais bem armados exércitos que se tinham visto.

Os moiros eram tantos que cobriam aquelas várzeas e outeiros como se de tôdas as terras da Ásia e da África onde assistiam, tivesse ali vindo ter tôda a gente. Metia mêdo. Os exércitos de Aragão, de Castela e de Portugal reunidos pareciam bem pouca coisa comparados com aquela multidão de gente armada. Mas a-pesar da quantidade de infiéis, e dos seus bons cavalos, e das suas ricas armas, os cristãos deram-lhes ali coça que nunca mais moiros de África pensaram em vir atacar as Espanhas. E da fama, glória e riquezas que desta vitória couberam aos cristãos, não tiveram pouca parte os portugueses e seu rei, pois foram dos mais valentes, resolutos e sabedores das coisas da guerra, que lá andaram.

Esta grande batalha é chamada *do Salado* porque tal é o nome de um rio que ali corre perto de Tarifa e de Algeciras, nas redondezas de Gibraltar.

Ia nessa altura nos seus vinte anos o herdeiro da coroa, infante D. Pedro, filho de D. Afonso IV e da rainha Dona Beatriz; e el-rei seu pai considerou que era tempo de lhe arranjar casamento.

Escolheu-se a noiva. Era ela Dona Constança Manuel, filha de um grande fidalgo espanhol quasi tão rico e poderoso como o rei, e neta de um infante de Castela. Tanto na beleza como na bondade e na esperteza, nenhuma princesa lhe levava a palma; e D. Pedro, que era muito senhor da sua vontade, aceitou de bom grado a noiva que lhe propunham.

Chegou Dona Constança Manuel a Portugal com as mãos cheias de dinheiro e um acompanhamento tão luzido e rico que nem o de uma imperatriz. E houve grandes festas para o casamento.

Ora, entre as damas de Dona Constança, vinha uma, chamada Dona Inez de Castro, dotada de tal beleza e de tal encanto, que não havia homem que, ao descansar nela os olhos, não ficasse logo assombrado. E tanto homens como mulheres, e novos e velhos, e gente fidalga e povo, quem a visse uma vez ou lhe falasse, ficava preso do seu encanto. Porque não era só aquela beleza perfeita do corpo e do rosto, nem a doçura das maneiras, nem a graça de cada gesto, nem a música da voz; mas era a alma inocente e pura que se lhe via nos lindos olhos garços. Tinha o colo de neve e os cabelos de oiro fino e um sorriso que era como o romper do dia.

Mal as festas do casamento principiaram, mal aquêles olhos garços se cruzaram com os olhos castanhos do infante D. Pedro, nasceu logo entre os dois um amor tamanho que nenhum impedimento o pôde tolher. Tanto o Infante como D. Inez bem viam que aquilo não podia ser, e afastavam-se um do outro e fugiam de estar juntos sôzinhos e faziam de conta que não pensavam um no outro. Mas quando um amor assim entra no coração de um homem e de uma mulher, é como um fado que não se pode quebrar e que tem de ser corrido até ao fim, dê lá para onde der.

Dona Inez de Castro era de muito boa nobreza de Castela e corria-lhe nas veias sangue real; mas a maior nobreza que ela tinha era a do coração. Era dama de Dona Constança e sua amiga e guardava-lhe lealdade; ainda que muito padecesse, fazia por esconder do Infante e até de si própria, aquêlê tormento da sua alma.

Pelo seu lado o Infante trazia-a no pensamento dia e noite, mas disfarçava o seu mal quanto podia.

Já eram passados dois anos depois do casamento do Infante com Dona

824

Constança quando uma vez, ao cair da tarde, D. Pedro, atravessando sôzinho o jardim do palácio, encontrou Dona Inez que ali fôra, também sôzinha, procurar um pouco de fresco, porque isto foi no verão e o dia trouxera grande calma.

Estava bem longe Inez de ali ver D. Pedro; e a surpresa foi tamanha e tal a comoção, que teve de se encostar ao tronco de uma árvore para não cair; fugiram-lhe as forças, faltou-lhe a respiração, e cuidou que morria. D. Pedro parou de repente, sem saber o que fazia; pareceu-lhe que fôra apanhado num sorvedouro e que já nada o podia salvar. Aquela vontade tão firme que o afastara de Inez durante dois anos mortais, quebrou-se de repente. E viram-se os dois um defronte do outro, os olhos castanhos fitos nos olhos garços, presos ambos por uma fôrça que não parecia dêste mundo e que podia muito mais do que as suas vontades.

— Inez ... — murmurou o Infante. E não achava mais nada que dissesse. Pegou-lhe na mão, a tremer, e beijou-lha.

— Não, não... meu senhor...

— Há dois anos que andamos a fugir desta hora; mas estava marcada no céu. Sei que me queres tanto bem como eu a ti.

— Oh! meu senhor... que desgraça!...

— Desgraça ou ventura, Inez, isto pode mais do que nós...

Ouviram passos e separaram-se de repente. No fim da alameda, surgiram duas sombras, dois homens; e a-pesar-de ser já lusco-fusco, D. Pedro conheceu-os: eram dois fidalgos da côrte que se faziam valer muito junto de el-rei D. Afonso; chamava-se um Álvaro Gonçalves e o outro Pero Coelho.

O Infante lançou a capa sôbre Dona Inez e arrastou-a, assim cosida consigo, para detrás de um grande carvalho que ali estava à beira do caminho. O vestido de Dona Inez era branco, mas a capa do Infante era negra; e os dois eram delgados. Embrulhados ambos na capa e apertados um contra o outro, talvez aquêles homens os não vissem. Se viram ou não, ninguém sabe; passaram conversando como se nada fôsse. Mas nem o Infante nem Dona Inez quiseram mais saber deles; assim tão abraçados e chegados um ao outro, perderam a cabeça. Uniu-os um grande beijo; e nesse instante pareceu-lhes que o resto do mundo desabava e que só êles dois existiam em tôda a face da terra.

Dona Inez foi a primeira a acordar daquele enlêvo. Empurrou brandamente o Infante.

— Meu senhor... que loucura! Vou-me embora... A Infanta deve estranhar...

Calou-se, tolhida, com os olhos esgazeados fitos no chão da alameda.

— Olhai... olhai...

Mas D. Pedro não via senão os calhaus e a erva do caminho.

— Oh! meu Deus!... Não vêdes ali, por onde aquêles senhores passaram... um punhal todo ensangüentado, com a ponta cravada na terra?...

— Inez! Que desvario é êsse?...

Avançou para o caminho e abaixando-se apanhou um ramo sêco que o vento derrubara.

— Aqui está o teu punhal ensangüentado, Inez — disse êle sorrindo.

E como viu que ela tremia tôda, acrescentou:

— Não vêes que foi engano dos teus olhos? Como havias de ver um punhal ensangüentado? Já não há claridade nenhuma.

— Sim... é muito tarde. Adeus, meu senhor...

E afastou-se direita ao Palácio.

Passou-se tempo. E como a vida traz tantas vezes surpresas que mudam tudo, aconteceu uma coisa que ninguém podia esperar. Uma noite, a Infanta Dona Constança queixou-se de dores de cabeça e foi-se deitar com muita febre. No dia seguinte o físico de el-rei abanava a cabeça, descontente com o estado da Infanta. A doença era tão maligna que nem os físicos, nem as mêzinhas,

nem as rezas e ofícios nas igrejas, nada lhe pôde valer. E aquela boa Infanta, que parecia tão cheia de saúde e de vida havia tão pouco tempo, entregou a sua alma a Deus.

Assim ficou viúvo o Infante, com trinta e quatro anos de idade. Dona Constança deixou dois filhinhos: D. Fernando que veio a ser rei de Portugal, e Dona Maria, que depois casou com um infante de Aragão.

O primeiro filho, que se chamava D. Luiz, tinha morrido na hora do baptismo; e os fidalgos da côrte lá arranjaram as coisas de modo que Dona Inez fôsse madrinha dêsse primeiro menino, porque assim ficava sendo comadre do infante D. Pedro; e tôda a gente sabe que as comadres não podem casar com os seus compadres sem grandes dispensas da Igreja. E isto era já pela desconfiança em que aquêles fidalgos andavam dos amores de Dona Inez e do Infante. Mas o que tem de ser tem muita fôrça; e o amor entre aquêles dois, em lugar de diminuir foi sempre em crescimento. Quanto mais passava o tempo e quanto maiores eram os embaraços e estorvos que se lhe alevantavam, mais forte se tornava aquela paixão. De tal sorte que, pouco tempo depois de Dona Constança se finar, o Infante recebeu às escondidas por sua mulher Dona Inez; e Dom Gil, deão da Guarda, que os casou, não quis saber deles serem compadres, porque Dona Inez disse que não fôra madrinha do menino por vontade sua, mas sim forçada pelos fidalgos de quem muito se arreceava.

Mal empregado o Infante não ter logo feito público o seu casamento. Se o tivesse feito, pode bem ser que muitas desgraças fôssem evitadas. Quando mais tarde lhe perguntavam porque razão não dissera a todos que Dona Inez era sua mulher legítima, respondia que, sabendo como certos fidalgos e conselheiros de el-rei seu pai queriam mal a Dona Inez e andavam invejosos da amizade que êle tinha aos grandes fidalgos espanhóis seus irmãos, receara que lhe armassem alguma intriga com el-rei e assim o obrigassem a separar-se dela. Tanto mais que êsses inimigos tinham por onde lhe pegar porque Dona Inez era bastarda e não convinha que um rei de Portugal tivesse por mulher uma bastarda, — ainda que ela fôsse, como era, filha de um dos maiores fidalgos das Espanhas e tivesse, como tinha, sangue real nas veias.

Caso é que o casamento do Infante se fêz em tal segrêdo, que ninguém teve dele conhecimento. Foi assim: tinha D. Pedro ido caçar caça grossa que então havia com fartura em Trás-os-Montes. E levava seus cavalos e matilhas e monteiros tudo mui bem ordenado, que não havia melhor trem de caça nas Espanhas. E levava muitos fidalgos e cavaleiros portugueses e espanhóis e Dona Inez e outras damas da nobreza. Alojando-se com tôda esta gente na cidade de Bragança, mandou uma manhã chamar aos seus aposentos Dom Gil, deão da Guarda (que fôra na sua companhia e mais tarde veio a ser bispo daquela cidade), e Estêvão Lobato, seu criado e amigo. E estes dois, ao entrarem nos aposentos viram que Dona Inez estava lá mais o Infante; êste disse a Dom Gil que ali mesmo e sem detença os casasse; e Dom Gil casou-os por palavras de presente como manda a Santa Madre Igreja. Tendo dêste modo o Infante recebido Dona Inez por sua mulher, pediu a Dom Gil e a Estêvão Lobato que lhe guardassem segrêdo até ao dia em que conviesse fazer público o casamento. E êles assim o juraram e foram fiéis sempre à sua palavra.

Foi então Dona Inez para uma das casas do mosteiro de Santa Clara de Coímbra, onde viveu em sossêgo e feliz durante algum tempo com três filhinhos que Deus lhe deu: D. João, D. Deniz e Dona Beatriz. O Infante vinha vê-la muito a miúdo; e por fim passava com ela a maior parte do seu tempo. Ninguém sabia que êles eram casados, mas tão enlevado no seu grande amor andava o Infante que já o não escondia. A pouco e pouco desapegava-se da côrte de el-rei seu pai, aborrecia e desprezava os fidalgos portugueses e conselheiros de D. Afonso, e pouco ou nenhum caso fazia do seu filho legítimo, D. Fernando, que tivera de Dona Constança. Todos os seus cuidados iam para os filhos que Dona Inez lhe dera. O que êle queria era ver-se mais ela e as

três criancinhas em Santa Clara. Horas e horas esquecidas passava naquele enlêvo, conversando com a linda Inez, lendo na sua companhia, passeando com ela por aquêles arredores, ou rindo e folgando com a mulher e os filhos, tão feliz nem que estivesse no céu. E muitas vezes vinham ali os irmãos de Dona Inez e outros senhores espanhóis e portugueses seus amigos, e caçavam juntos e divertiam-se como gente nova e sem cuidados.

Tomara-se o Infante de grande amizade pelos irmãos de Dona Inez que eram em Castela fidalgos muito ricos e de grande poder. E tanto, que os senhores da côrte portuguesa principiaram a assustar-se receando que êsses fidalgos castelhanos viessem a mandar no reino mais do que êles. Iam dizer a el-rei D. Afonso IV que tomasse cautela, que o Infante andava enfeitado por Dona Inez, que já tinha dela três filhos, que só cuidava de fugir para a sua companhia, que não fazia caso do seu filho legítimo e mais velho, D. Fernando, e que queria tanto bem àquela mulher e aos filhos dela, que não tinha outra coisa no pensamento nem no coração.

Mal aquêles fidalgos saíam do aposento de el-rei, logo vinham outros azoinar-lhe os ouvidos com as mesmas cantigas: que tanto Dona Inez como os irmãos faziam o que queriam do Infante; e pediam a el-rei que abrisse os olhos e visse bem o perigo destas coisas e considerasse no que sucederia quando Deus o levasse dêste mundo e D. Pedro subisse ao trono; pelo caminho que as coisas levavam, os dois irmãos de Dona Inez, tão poderosos em Castela, mandariam logo matar o infante D. Fernando herdeiro da coroa portuguesa, para que o filho mais velho de Dona Inez viesse a reinar em Portugal; e então os espanhóis fariam na nossa terra o que muito bem quisessem, porque o infante D. Pedro, por causa daquela paixão por Dona Inez, estava nas mãos deles.

El-rei D. Afonso ia já em idade muito avançada, e todos estes ditos e intrigas ralavam-no e faziam-lhe renascer no coração aquêles antigos ímpetos de génio que, na sua mocidade o tinham levado a tão grandes erros. Fugia-lhe o juízo que, durante tantos anos, fizera dele um bom rei e, na velhice voltava-lhe o génio arrebatado e raivoso, que, emquanto infante, fizera dele um mau filho. Pero Coelho e Álvaro Gonçalves eram os mais encarniçados conselheiros a acusarem Dona Inez; chegavam a dizer a el-rei que, se êle os mandasse matar aquela mulher, logo dariam cabo dela de boa vontade. Havia um outro, mais manhoso, chamado Diogo Pacheco; êsse disfarçava melhor a raiva que tinha a Dona Inez e sobretudo os ciúmes que o abrazavam contra seus irmãos, D. Fernando e D. Álvaro de Castro. Fôra companheiro e amigo do Infante que dantes tivera muita confiança nêle, mas que depois, por más acções que o vira fazer, o afastara de si. Estes três homens eram os piores e mais malvados conselheiros que el-rei tinha junto de si.

A' fôrça de ouvir tanto mal que lhe diziam de Dona Inez e dos perigos que havia para Portugal naquela paixão do Infante, el-rei D. Afonso mandou um dia chamar o filho ao seu aposento e, só com êle, falou-lhe assim:

— Quero fazer-te uma pergunta à qual te peço que me respondas com verdade. Quero saber se és casado com Dona Inez de Castro. Se assim é, convém que eu a receba no Paço com as honras devidas a uma infanta que será por minha morte rainha de Portugal.

D. Pedro estava preparado para aquela pergunta. Sabia como o pai era manhoso e receava que, se dissesse a verdade, êle lhe armasse cilada com o Santo Padre para o separar da sua mulher. Negou tudo.

El-rei então disse-lhe assim:

— Bem, bem... Vejo que tens juízo e que não casaste com tal mulher. Esses amores são loucuras da mocidade; mas estou velho e daqui a pouco serás rei. Convém acabar com tais intrigas e afastares de ti Dona Inez de Castro. Já basta de escândalos. Lembra-te do que te digo, que não gosto de repetir uma ordem.

O Infante afogueou-se todo de raiva e de dor. Mas conhecia o génio do

pai e a sua vontade de ferro. Se lhe dissesse o que tinha no pensamento nada ganharia senão pôr Dona Inez e os filhos em grande perigo. Pensou que o pai era velho e que o melhor e mais seguro, seria ganhar tempo e defender-se com manha. Fingiu pois achar razão a el-rei e prometeu tudo que elle quis.

Apenas se pôde escapar, foi ter com Dona Inez e contou-lhe o que era passado; combinaram acautelarem-se mais nos encontros e arranjar as coisas de modo a fazer crer a el-rei que nunca se viam.

Começou assim um tempo muito triste e angustioso para ambos. Sabiam que os conselheiros de el-rei pagavam espias para os vigiarem e não se fiavam de ninguém; não tinham sossego nem descanso senão quando conseguiam juntar-se à fôrça de ardis, e que se viam nos braços um do outro e os filhinhos agarrados a êles.

Dona Inez ia passear a uma quinta com os três meninos e sentava-se ao pé de uma fonte onde vinha dar uma água muito fresca e boa que ali chegava de longe muito bem encanada; e el-rei metia naqueles canos cartas para ela, e a água assim lhe levava as suas palavras de amor. Ali mesmo ela as lia através das lágrimas que chorava. E outras vezes ia sentar-se junto de um penedo; e enquanto as criancinhas brincavam, chorava ela e suspirava, afrontada de saúdades. E assim todos aquêles arredores de Coimbra onde ela tanto sofreu de saúdades e cuidados, sempre receosa de que lhe roubassem ou lhe matassem os filhos ou lhe tirassem, a ela, a vida, ficaram tendo para sempre nomes lindos como o seu rosto, e tristes como o seu coração: *Quinta das Lágrimas, Penedo da Saúdade, Fonte dos Amores.*

D. Pedro era, como já ficou dito, grande caçador. Tinha muita gente empregada nos serviços da montaria, grandes matilhas de bons cães, cavalos bem ensinados e de grande preço e os melhores falcões que havia nas Espanhas. Para disfarçar a tristeza que o acabrunhava e fugir à tentação daquela casa de Santa Clara onde tôda a sua alma estava presa, resolveu ir caçar longe e com demora e só com os seus monteiros e cães como costumava fazer dantes, quando o pensamento lhe andava descuidado e livre.

Apenas foram avisados pelos seus espias da partida do Infante, Diogo Pacheco, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, foram ter com el-rei. E Pero Coelho, falando em nome de todos, disse assim:

— A fala que Vossa Alteza teve com o Infante não serviu de nada. Tem visitado Dona Inez à mesma e anda sempre metido com os fidalgos espanhóis. Isto não tem senão um remédio; e Vossa Alteza bem sabe qual elle é. O tempo é agora azado, meu senhor, que o Infante partiu com demora para a caça e tudo se pode fazer com vagar. Quando elle voltar tudo estará acabado...

El-rei ergueu-se de onde estava sentado e, cofiando as barbas brancas, como costumava quando se via em cuidados, foi até à janela e ficou-se a olhar para fora tanto tempo, que os fidalgos começaram a recear os pensamentos que assim tanto o prendiam.

El-rei pensava que também fôra môço e também tivera amores, e dizia de si para si:

— Que faria eu se me fizessem o que estes homens querem que eu faça a meu filho?

E cismava e tornava a cismar:

— Estou velho e perto de morrer e, se Dona Inez está inocente e estes homens me enganam, que contas hei-de dar a Deus de lhe ter tirado a vida e de lançar seus filhos na orfandade?

Pero Coelho atreveu-se a levantar a voz:

— Meu Senhor, no ponto em que as coisas andam, apenas Vossa Alteza fechar os olhos e o infante D. Pedro fôr rei, êste reino que tão bom sangue custou a ganhar, ficará nas unhas dos espanhóis.

El-rei voltou-se de roldão e disse, a gaguejar e a tremer de cólera:

— Raça danada! Lacaíos do diabo! não descansareis senão quando virdes

a minha alma no inferno! Fazei a vossa vontade e que Satanaz vos lance no fogo eterno!

Metia mêdo. Caminhava para êles com os olhos a faiscar de raiva, direito e possante como se não tivesse aos ombros o pêso dos anos.

— Ai de vós, malditos, se me estais enganando! Viverei mais do que cuidais e se descobrir vossa traição sereis esquarterados e vossos restos lançados aos câis!

Os três fidalgos, êncolhidos a um canto do aposento, tremiam de mêdo. Mas el-rei sossegou. Limpou o suor que lhe borbulhava na testa e disse:

— Ide. Mandai aprontar os cavalos. Agora mesmo iremos a Santa Clara. Abalaram todos a cavallo e el-rei mais êles. Iam aquêles três malvados, Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Pacheco, e mais outros tão bons como êles; e levavam grande acompanhamento de gente armada.

Apenas chegaram, cercaram a casa. Dona Inez, ao ouvir aquela tropeada de cavalos e vozearia de gente, cuidou que era o Infante que voltava da caçada mais cedo; e o coração bateu-lhe mais apressado no peito pensando na alegria de abraçar o seu querido amor. Mas em breve aquela esperança desfaleceu ao ouvir as pancadas brutais na porta e a grita daqueles homens:

— Abri em nome de El-rei!

Isto era ao cair da noite e as três criancinhas já estavam deitadas. Dona Inez levantou-as da cama e assim mesmo, só cobertas com as camisas, espan-tadinhas de sôno e lindas como três anjos do céu, levou-as diante de si até à porta que mandou abrir pelos seus criados.

O primeiro a entrar foi el-rei; e logo os olhos lhe ficaram presos àqueles três inocentes que choravam de susto agarradinhos à mãe.

— Meu Senhor, — disse Dona Inez — bem sei ao que vindes e, pela cabeça destas criancinhas vos asseguro, que tenho mais pêne de vós que de mim. Se o vosso coração tão mal aconselhado, vos manda matar uma pobre mulher sem defesa que nunca fêz mal a ninguém e cujo único pecado é amar vosso filho mais que à própria vida, tende ao menos piêdade do vosso próprio sangue e poupai estas criancinhas.

E empurrando brandamente os filhos para el-rei, dizia-lhes:

— Ide, ide beijar a mão de vosso avô e pedir-lhe que não vos mate, não por vós mas para que a sua fama de grande rei não fique manchada pelo vosso sangue inocente que é o mesmo que lhe corre, a êle, nas veias.

El-rei, sem dizer palavra, olhava para ela e para as três criancinhas. Não sabia o que mais lhe alvoroçava o coração: se a dor de ter que dar a morte a quem tão pouco a merecia, se a admiração pela beleza perfeita e pela coragem e dignidade real de Dona Inez. Assim esteve algum tempo imôvel, hesitando; e dizem alguns que duas lágrimas lhe rolaram pelas faces e pelas barbas brancas. Por fim voltando costas num repelão, ordenou que tôda aquela gente saísse da casa, e caminhou para a porta.

Pero Coelho e Álvaro Gonçalves vendo aquilo e considerando em que perigo ficavam se daquela vez Dona Inez não fôsse morta, pegaram-se à capa de el-rei quando êle já ia a montar a cavallo e tais coisas lhe disseram que D. Afonso, agastado com tantos pensamentos contrários, acabou por lhes responder:

— Pois ide, fazei vosso officio de carnicheiros, e que o diabo vos leve! Que eu não quero mais saber disto!

E cuidando que assim atirava para outros ombros o pêso daquele crime, içou-se para riba do cavallo e abalou mais todo o seu acompanhamento.

Ficando sós defronte daquela casa para onde o demônio os empurrava, Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, mais aquêles tratante de Diogo Pacheco, tornaram a entrar no quarto de Dona Inez e, como animais ferozes e sem alma, ali a mataram cruelmente.

Corria o sangue daquele colo branco de neve e fugia a luz daqueles olhos claros e tão lindos; e os cabelos de oiro fino espalhavam-se em tórno

daquela cabeça adorada, como um resplendor de santa. Os três filhinhos agar-
rados à mãe chamavam por ela e abraçavam-na, todos manchados daquele sangue
generoso que jorrava do grande coração de Dona Inez.

Os três carrascos malditos, ao verem tal coisa, tomaram-se de grande
terror e já não tiveram ânimo de matar as criancinhas. O que elles queriam
era fugir dali, cuidando que assim fugiam ao seu castigo. Saltaram para a
sela e abalaram a mata-cavalos. Armara-se de repente grande temporal. O vento
uivava na ramaria dos pinhais, os trovões eram tamanhos que faziam tremer a
terra, e o clarão dos relâmpagos rasgava a escuridão da noite.

A tremer de mêdo, curvados sôbre o arção das selas, os malditos fugiam.
Parecia-lhes ouvir atrás deles o tropel do cavallo de D. Pedro levado pelo
furacão da sua vingança...

Um pagem de Dona Inez, apenas vira chegar el-rei e percebendo a des-
graça que ali se armava, esgueirara-se para a cavaliariça, saltara para cima de
um cavallo e partira a avisar o Infante onde êle andava caçando.

Nem a ventania brava que se levantara corria mais depressa do que o
cavallo de D. Pedro, com a barriga lavrada pelas esporas, no galope desenfreado
que trouxe o Infante direito a Santa Clara através daquele sombrio alvorecer.

— Oh! meu amor!... meu amor!... meu amor!... — gritava o Infante
abraçado ao corpo tão lindo e já frio, da sua amada.

Não encontrava mais nada que dissesse. A sua dor era tamanha que lhe
estalava o coração e lhe levava o juízo.

— Meu amor!... meu amor!... meu amor!...

Cobria de beijos o peito de neve, o rosto de santa, os cabelos de oiro.
Tão linda! Tão linda na morte como o fôra em vida!

Ninguém podia arredá-lo daquele corpo. Sentado num banco, com os
olhos esgazeados fitos na morta, com os filhinhos apertados contra o coração,
nem falava nem se mechia.

O seu acordar foi um espanto e um terror. A indignação, a raiva, a ânsia
de vingança arrebatarem-no num turbilhão. Não foi um homem que se levanta-
vou daquele banco e desviou os olhos daquela morta; foi um leão furioso.

Juntou no reino tôda a gente que era por êle — e por êle estavam muitos
e bons fidalgos e o povo que o estimava tanto — e com a ajuda dos dois irmãos
de Dona Inez que dispunham de muita gente armada, começou a fazer no reino
tudo quanto podia contra el-rei seu pai. As provincias de Trás-os-Montes, Mi-
nho, Douro, foram invadidas: searas queimadas, vilas e aldeias roubadas, arra-
zadas. Por onde o Infante passava mais os cunhados D. Fernando e D. Álvaro
de Castro, e tôda a sua gente, só ficavam ruínas, mortos e feridos, culturas
perdidas, arvoredos a arder, desgraças e fomes. E aquêlê furacão durou, du-
rou... Era como um incêndio a alastrar, a lavar pela terra de Portugal e
que se não podia apagar.

No meio de tantas batalhas, D. Pedro, doido de raiva e de dor, sujo de
pó e de lama, rôto, ensangüentado, furioso, só pensava em vingar com mil
mortes e desgraças, a morte de Dona Inez.

— Inez! Inez!... — gritava êle no meio dos combates e dos incêndios. —
Ainda que eu arrasasse êste reino todo e tôdas as terras da cristandade, não teria
vingança inteira, que a tua vida valia mais que a vida do resto do mundo!

Assim aquêlê furacão desceu do norte e veio dar ao Pôrto que logo foi
cercado. E daquela cidade não teria ficado mais que um montão de ruínas,
se não fôsse o arcebispo do Pôrto a quem D. Pedro tinha muita amizade e
respeito e que, por boas palavras lá conseguiu por fim amansá-lo. Tais coisas
lhe disse aquêlê santo homem, fazendo-lhe ver quantos inocentes andava matando
e desgraçando na sua cegueira, que o Infante acabou por cair em si e fêz as
pazes com el-rei seu pai. Ficou assente que el-rei D. Afonso perdoaria a todos
que se tinham rebelado contra êle e que D. Pedro perdoaria também a todos os
maus conselheiros de seu pai. Mas o Infante exigiu como condição de paz, que lhe
dessem altos poderes de justiça em todos os lugares do reino onde assistisse ou

passasse; e diziam que isto era com a idea de poder castigar, onde quer que os encontrasse (a-pesar das promessas de perdão) todos aquêles que tinham tido culpas na morte de Dona Inez.

Depois de tôdas estas coisas, el-rei D. Afonso IV pouco durou. Tinha já muita idade e não resistiu a tantos desgostos e aos remorsos que o atormentavam depois daquela ensangüentada noite de Santa Clara.

D. Pedro subiu ao trono. Passara-lhe a fúria que lhe queimara o juízo durante tanto tempo. Não que esquecesse a sua dor nem a morte de Dona Inez; não havia nada que lhe apagasse da memória aquêlê bemdito sangue derramado, nem do coração o desejo de castigar os culpados. Mas dedicava um grande amor ao seu povo e, tendo sofrido tão grande injustiça, passou o resto da vida a fazer justiça por suas próprias mãos. E por isso lhe puseram o nome de D. Pedro I, o *Justiceiro*.

Apenas se viu rei, D. Pedro mandou chamar os melhores obreiros em pedra que então havia no reino e ordenou-lhes que fizessem dois túmulos no mosteiro de Alcobaça, um para êle, outro para Dona Inez de Castro. E explicou-lhes muito bem como queria aquêla obra feita, recomendando-lhes a maior perfeição e que fôsem os túmulos mais lindos que jamais se tivessem visto. E assim se fizeram aquêles dois grandes monumentos de pedra, ricas e maravilhosas obras de arte que tôda a gente vai ver com tanta admiração ao mosteiro de Alcobaça.

Em cima de um deles lá está o vulto de pedra da linda Inez, com sua coroa de rainha e seu baldaquino de santa. Tem seis anjos à sua volta: uns concertando a almofada onde a sua cabeça repousa, outros compondo com muito jeito e amor as pregas do seu vestido. Sôbre o outro túmulo jaz a figura de el-rei D. Pedro e aí se vê quanto êle era bem parecido e que real presença era a sua. Ambos estes túmulos mais parecem de renda que de pedra, de tal modo estão finamente lavrados com tantas figurinhas representando cenas da vida de Jesus Cristo e de vários santos e, numa linda rosácea, tôda a história dos amores de D. Pedro e Dona Inez.

Não estão os túmulos postos um ao lado do outro, mas sim a seguir, pés contra pés; e isto para que, ao ressuscitarem os dois mortos no dia de Juízo, e ao erguerem-se, se possam logo ver um ao outro antes de verem mais nada, e assim matar as saúdaes de tão longa separação.

Assim que estes túmulos, tão lindos e ricos, foram terminados, el-rei D. Pedro mandou desenterrar Dona Inez de Castro que tinha sido sepultada em Coímbra, no mosteiro de Santa Clara.

A não ser os três carrascos de Dona Inez que tinham fugido para Castela, não sabia D. Pedro ao certo quais eram os outros fidalgos culpados de mal aconselharem D. Afonso contra os amores de seu filho. Mas não quis que nenhum escapasse à lição que lhes ia dar.

Mandou cartas e mensajeiros a todos os fidalgos, damas nobres, cavaleiros e prelados do reino, convidando-os a virem aos seus paços de Coímbra em dia marcado, recomendando-lhes que não faltassem, pois a reunião era de importância, e que trouxessem os trajes mais ricos que tivessem.

Conhecendo todos o génio de el-rei D. Pedro e como sabia castigar quem lhe não obedecesse, não houve ninguém que não acudisse a tal chamamento.

Na noite marcada começaram a chegar ao paço todos aquêles senhores e senhoras e alta clerezia, cada qual com seu vestuário de aparato, oiros e jóias do melhor e mais rico que tinham.

Logo à entrada estava muita gente armada e os officiaes da casa de el-rei e os salões cheios de luzes e tudo enfeitado como para uma grande festa. E por fim quando já todos tinham chegado, abriu-se uma grande porta e os officiaes do Paço mandaram entrar os convidados; tôdas as portas estavam guardadas por gente de armas com ordem de não deixarem sair ninguém.

Viram então à luz de inúmeras tochas que iluminavam tudo mui claramente, um alto estrado erguido sôbre uns poucos de degraus; e tudo guarnecido de ricos panos e sêdas e oiros e pratas, com muito esplendor. No trono viram

el-rei de pé em traje de grande aparato, e à sua direita, sentada, vestida de brocado de oiro, coberta de jóias, e de coroa real na cabeça, estava D. Inez de Castro morta e desenterrada.

O corpo não tinha apodrecido. Estava mirrado e enxuto. A pele escurecida e engelhada colava-se-lhe aos ossos.

D. Pedro tinha o semblante carregado e a sua expressão era tão espantosa de calma e de majestade, que ninguém podia tirar dele os olhos nem se atrevia a falar ou bulir. Algumas senhoras caíram desmaiadas e os homens perdiam a côr como condenados à morte.

— Senhores e senhoras, — disse el-rei em voz alta e firme, — aqui está a vossa rainha. Recebei Dona Inez de Castro por palavras de presente, como manda a Santa Madre Igreja, vai em sete anos. Aqui está Dom Gil, bispo da Guarda, que nos casou; e aqui está Estêvão Lobato, meu criado, que foi testemunha.

Então o bispo da Guarda e, depois dele, Estêvão Lobato, vieram com juramento confirmar as palavras de el-rei.

O silêncio era tamanho como se aquela sala apinhada de gente, estivesse vazia. Muitos dos que se encontravam mais perto, ao olharem espantados a figura ressequida de Dona Inez de Castro, pensavam com terror no que restava de tanta beleza e de tamanhos encantos. Mas D. Pedro, apoiando a mão direita sobre a mão descarnada da que fôra e ainda era o único amor da sua vida, não a via como os outros a viam. Aos olhos fiéis e ardentes da sua alma ela era a linda Inez, a mulher mais linda e perfeita da terra.

De novo el-rei falou; e agora a sua voz soou dura e cheia de ameaças; voz de comando que não sofre desobediência:

— Um por um, senhoras e senhores fidalgos, cavaleiros, ricos homens e prelados de Portugal, vinde beijar a mão e prestar homenagem à vossa rainha!

Começou o desfilar. Um por um, tremendo de medo e de horror, subiam os degraus do trono, faziam a sua mesura; os homens punham um joelho em terra, e todos beijavam a mão da morta... aquela mão que fôra branca, macia e delicada como um lírio, e da qual, agora, só a pele engelhada, áspera, sêca e denegrada, cobria os ossos.

De pé sobre o estrado, dominando todos com um olhar de aço, afiado e frio, el-rei vigiava-os, espreitando os que hesitavam ou desfaleciam. A alguns que suspeitava, dizia baixinho quando se aproximavam, com voz trémula de fúria:

— Os dois joelhos em terra! Os dois! Inclina essa cabeça, mais!... mais!... já que não a inclinaste outrora! E tu, beija agora essa mão bemdita, a mão da tua rainha, já que não soubeste adivinhar a tempo que nessa mão fechada estava o meu coração para sempre!

Depois de todos prestarem a sua homenagem a Dona Inez, el-rei mandou-os ficar de pé em volta do salão sem que nenhum daí saísse antes dele o permitir. E mandou abrir as portas para que o povo entrasse. Tôda aquela noite e boa parte do dia seguinte, o povo desfilou diante da rainha morta, entre as alas dos fidalgos.

Ao cair da tarde deu el-rei ordem para que todos saíssem do palácio e mandou deitar em caixão mui rico o corpo de Dona Inez, com seu vestido de brocado de oiro, seu manto de veludo, suas jóias de pesados oiros e pedrarias e sua coroa de rainha. E tôda aquela noite a velou.

No dia seguinte formou-se a solene procissão que devia acompanhar o corpo de D. Inez de Castro, de Coímbra até ao mosteiro de Alcobça.

O caixão, coberto de panos bordados de oiro, foi pôsto sobre um andor e levado às costas de cavaleiros e fidalgos que se revezavam. Seguia um espantoso acompanhamento de todos os grandes senhores dos reinos de Portugal e de Castela, de todos os prelados e clerezia e frades de tôdas as ordens, e damas e donzelas da nobreza, muita gente de armas e enorme multidão de povo.

Dezassete léguas vão de Coímbra a Alcobça; e, em todo êste caminho es-

tavam as coisas de tal modo ordenadas, que o cortejo ia sempre passando entre alas de homens que seguravam círios acesos.

Padres e frades rezavam e cantavam ladainhas e, a espaços, erguiam-se altas lamentações que se ouviam ao longe, porque as vezes eram sem conta; e de todos aquêles campos e aldeias, acudia povo para ver passar o corpo da linda Inez que depois de morta foi rainha.

Nunca até aquêlo tempo se vira em terras de Portugal nem em tôda a cristandade, entêrro ou trasladação mais maravilhosa do que esta foi.

D. Pedro caminhava logo após o andor, e, de tempos a tempos, afastava-se e subia a um outeiro à beira do caminho a vigiar se ninguém faltava e se todos seguiam com o profundo respeito e devoção que êle queria.

A' entrada de Alcobaça vieram os frades do mosteiro mais o seu prior ao encontro do cortejo, com muitos círios e ladainhas; e, desde que o corpo entrou no templo, foi um nunca acabar de missas e de cerimónias religiosas.

Nenhum rei ou rainha tivera jamais tão solene e espantoso enterramento, e tôdas estas coisas ficaram para sempre na memória do povo de Portugal.

Mas el-rei D. Pedro não estava ainda satisfeito. Não podia aquêlo coração ter sossêgo enquanto não saciasse a sua sêde de vingança com o castigo dos três malditos que se tinham atrevido a levantar a mão contra D. Inez e a derramar sangue tão precioso. Porque a paixão de D. Pedro por Dona Inez era de qualidade mui rara; e amor assim existe poucas vezes entre os mortais.

Das primeiras coisas que el-rei fizera ao subir ao trono, fôra dar sentença de traição contra Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Pacheco, dizendo que tinham praticado crimes contra êle e contra o Estado; e, não podendo deitá-lhes a mão porque andavam fugidos em Castela, tomou-lhes todos os bens e repartiu-os por fidalgos da sua confiança, de tal modo que nunca mais os maldavos pudessem rehavê-los.

E aconteceu que pouco depois da trasladação de Dona Inez para o mosteiro de Alcobaça, uns quatro fidalgos de Castela, tendo ofendido o seu rei, fugiram para Portugal.

Ao ter conhecimento de tal coisa, D. Pedro mandou logo mensageiros de sua confiança a el-rei de Castela e fêz com êle secretamente uma combinação para trocarem entre si os fidalgos espanhóis criminosos, retugiados em Portugal, contra os três assassinos de Dona Inez, refugiados em Castela. E isto foi tão bem e tão escondidamente concertado que a prisão dos traidores de ambos os países se fêz no mesmo dia e hora, de surpresa, de modo que nem uns nem outros puderam ser avisados nem tiveram maneira de fugir.

Mas aconteceu que no dia em que a ordem de el-rei de Castela chegou ao lugar onde os três portugueses assistiam, um deles, Diogo Pacheco, tinha ido de manhãzinha para fora da vila a caçar perdigões. Quando os oficiais de el-rei prenderam Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, não encontraram Diogo Pacheco. Mandaram então fechar as portas da vila para que ninguém dali saísse a levar aviso a êste criminoso, e assim poderem prendê-lo quando êle voltasse da caça, descuidado. Mas nunca voltou; os outros caçadores que andavam mais êle, contaram que o viram meter-se por um vale de onde não tornou a aparecer; e trouxeram o cavallo dele que andava a monte, perdido; e pensavam que devia ter caído nalgum barranco ou perdido o caminho. Os oficiais de el-rei, fartos de esperar, abalaram levando só Pero Coelho e Álvaro Gonçalves; e, chegados à fronteira de Portugal, aí os trocaram pelos traidores espanhóis que levaram para Sevilha onde el-rei de Castela os mandou logo matar.

Estava el-rei D. Pedro à mesa, nos Paços de Santarém, quando lhe vieram dizer que Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves eram chegados. Levantou-se logo e foi ao encontro daqueles dois homens que havia tanto tempo esperava. A alegria de os ter enfim nas unhas e a raiva que contra êles sentia, eram tamanhas que todo êle tremia e mal podia falar. Só o atormentava a pênna de saber que Diogo Pacheco lhe escapara, mas confiava em que mais tarde ou mais cedo êsse mal-

vado lhe viesse também parar às mãos; e o contentamento de haver os outros dois consolava-o de ter que esperar ainda pelo terceiro.

Sem mais demoras mandou logo meter a tormentos Pero Coelho e Álvaro Gonçalves para os obrigar a dizer os nomes dos outros culpados da morte de D. Inez, de todos êsses cobardes conselheiros de el-rei seu pai, que, disfarçados, o tinham atraído conspirando contra a vida de sua mulher. Mas nem Pero Coelho nem Álvaro Gonçalves, a-pesar do longo e terrível sofrimento das torturas, souberam ou quiseram responder a tais perguntas. El-rei, cego de cólera e parecendo-lhe ver ainda o peito de Dona Inez ensangüentado e o seu lindo corpo gelado e sem vida, pegou num chicote e com êle deu no rosto de Pero Coelho. E êste voltou-se contra el-rei, como um cão danado, chamando-lhe carrasco e outros feios nomes. D. Pedro largou o chicote e soltou uma gargalhada; voltando-se para um dos seus oficiais gritou que lhe trouxessem vinagre e cebola para cozinhar aquê *coelho*. A graça era pesada, mas el-rei estava louco de dor.

Logo a seguir deu a sentença de morte contra os dois malvados: que lhes arrancassem os corações em vida, devagar, a um pelas costas, ao outro pelo peito. E ali ficou a ver a agonia dos dois homens sem dizer mais palavra; lembrava-se daquela noite de Santa Clara e da sua chegada, ao alvorecer, através do temporal, e do sangue coalhado já sôbre o peito do seu amor, e dos filhinhos a chorar abraçados à morta. E enquanto os dois criminosos uivavam e se torciam, sob as facas que lhes cortavam as carnes e lhes buscavam os corações, D. Pedro fitava-os com olhar de sonâmbulo e houve quem o ouvisse murmurar:

— Meu amor!... meu amor!... meu amor!...

E agora vou contar o que succedeu a Diogo Pacheco.

Naquela vila espanhola onde assistiam os três portugueses assassinos de Dona Inez de Castro, havia um pobrezinho coxo que vivia de esmolas. E nunca êste desgraçadinho batera à porta de Diogo Pacheco, que êle lhe não acudisse com algum comer ou dinheiro ou roupas se as tinha; e nunca deixava de conversar com êle, de o ouvir com paciência e até de lhe dizer suas graças e de rir mais êle; porque não há alma tão negra que não tenha algum cantinho alumiado pela graça de Deus.

Ora quando êste pobre coxo soube que os oficiais de el-rei de Castela tinham prendido Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, e que andavam em busca de Diogo Pacheco, ficou todo amofinado e começou logo a cismar na maneira de o salvar.

Calou-se muito calado e caminhou para uma das portas da vila como se não soubesse que estavam fechadas.

— Mas porque razão estão as portas fechadas? — disse êle aos guardas. — Valha-me Deus, que é hoje o meu dia de pedir esmola pelas quintas dos arredores e por lá já me esperam com uma sopinha quente.

Os guardas que bem o conheciam, puseram-se a rir e deixaram-no passar, nunca pensando que tal desgraçadinho soubesse sequer da prisão dos portugueses ou se importasse de tal coisa.

O coxo, apenas se viu fora, foi ter com Diogo Pacheco, pois bem sabia por onde êle andava, e avisou-o. Esconderam-se lá por detrás de umas sebes e trocaram os fatos. O pobrezinho rasgou e sujou os trajes do português e foi dar a uma aldeia longe dali onde se deixou fixar até que a história dos portugueses caiu em esquecimento. E Diogo Pacheco, coberto de farrapos, meteu-se por um atalho entre o mato e, ao cabo de muitas horas, foi dar à estrada que ia direita ao reino de Aragão. Aí esperou a passagem de alguns almocreves e ofereceu-se para os acompanhar e cuidar-lhes das bêstas em troca de algum comer que lhe dessem. Em Aragão pediu guarida num convento e lá se arranjou para roubar o hábito a um dos frades. Ora com os farrapos do coxo, ora com o hábito do frade, lá continuou sua jornada, sempre a tremer de medo, cuidando a cada hora de ser preso e levado à presença de el-rei D. Pedro. Passava fomes e

sêdes e grandes frios, e chegou a terras de França com os pés a escorrer sangue e meio morto de fome e de cansaço. Foi dar à cidade de Avinhão e aí teve muitas aventuras; mas como era esperto e muito fidalgo nas suas maneiras, e bem aparentado, lá se arranjou. E por fim voltou a Castela e conseguiu meter-se em grande amizade com el-rei D. Henrique e intrigou e atraçou e levou os espanhóis até ao cerco de Lisboa em tempo de el-rei D. Fernando.

E depois de tudo isto, com tais manhas andou que lá obteve perdão de el-rei D. Fernando (filho de D. Pedro e de Dona Constança) e tornou a haver seus bens em Portugal.

Há quem diga que êle não foi culpado da morte de Dona Inez e que se achou embrulhado com Pero Coelho e Álvaro Gonçalves por má sorte, e que fugira com êles por mêdo e cobardia mas não que as suas mãos estivessem manchadas daquele sangue inocente. Se assim foi, melhor para êle. Mas, se escapou à vingança de D. Pedro, de todo o modo muitos trabalhos e cuidados passou até ao fim da sua vida.

A SEGUIR:

**HISTÓRIA DA RAINHA
FLOR DE ALTURA : :**



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.

NB



#EFG0000470727*

BN

L. 1